

## A CRÍTICA LITERÁRIA NA ITÁLIA NAPOLEÔNICA: AVALIAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DE UGO FOSCOLO

---

KARINE SIMONI\*

---

### RESUMO

O artigo analisa as ideias do autor italiano Ugo Foscolo (1778-1827) sobre a crítica literária presente nos seus ensaios sobre literatura, e demonstra como a metodologia proposta pelo autor contribuiu para a renovação da crítica literária na Itália entre os séculos XVIII e XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ugo Foscolo, crítica literária, ensaísmo.

---

A crítica literária no seu papel fundamental de “interpretar e avaliar a literatura como uma ordem simultânea” (WELLEK, 1963, p. 17) designa também o pensamento estético-literário da época em que foi escrita. Uma vez que os juízos de valor são instáveis, a literatura não representa uma categoria objetiva e imutável, mas é ponderada de acordo com os paradigmas de cada época.

No caso da passagem do século XVIII para o XIX, a posição ideológica e as atividades do autor italiano Ugo Foscolo (1778-1827) destacam-se pela complexidade de temáticas nas suas obras, literárias, críticas ou teóricas. Porém, durante praticamente todo o século XIX e a maior parte do século XX, o autor teve sua imagem vinculada à de poeta e patriota engajado com os acontecimentos políticos do seu tempo, bem como a de autor do romance epistolar *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, muito embora *também escrevesse um considerável número de ensaios críticos que versaram sobre os mais variados assuntos, como literatura, história, política, gêneros literários e crítica literária*. O presente estudo trata especificamente desse último aspecto, e tem como principal objetivo analisar as ideias de Foscolo sobre a crítica literária, a fim de evidenciar como a metodologia criada pelo autor forneceu importantes

---

\* Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC).  
E-mail: kasimoni@gmail.com

subsídios para a renovação da crítica literária na Itália entre os séculos XVIII e XIX. *O corpus principal são os ensaios de Foscolo, escritos tanto no período em que viveu na Itália, como no período em que esteve exilado em Londres.*

Antes de me aproximar do objetivo principal desse estudo, julgo importante destacar, ainda que muito brevemente, alguns elementos biográficos necessários para compreender o pensamento do autor sobre o objeto em questão. Isso porque Foscolo desenvolveu a sua atividade de escritor em um momento deveras particular da história italiana: a chegada de Napoleão Bonaparte à Itália e a consequente instauração do governo francês na península. Ainda muito jovem, Foscolo participa ativamente das discussões que giravam em torno da Revolução; assume posições políticas inicialmente a favor de Napoleão, para depois voltar-se contra o imperador francês quando este assina o Tratado de Campoformio (1797), que anexaria o Vêneto à Áustria. Desiludido com a atitude de Napoleão e para não servir aos austríacos, Foscolo busca o exílio, primeiramente na França e na Suíça, para finalmente chegar à Inglaterra, onde permanece até a morte. Em Londres, é acolhido com euforia nos círculos literários, mas em razão das dificuldades econômicas vê-se obrigado a trabalhar como colaborador em jornais e revistas inglesas. Publica dezenas de ensaios como *Saggio sulla letteratura contemporanea in Italia* (1818), os quatro *Saggi sul Petrarca* (1821-1823), *Della “Gerusalemme Liberata”* (1822), *Principj di critica poetica* (1823), *Epoche della lingua italiana* (1823), *Discorso sul testo della Commedia*, *Discorso storico sul testo del Decamerone* (1825) e *Della nuova scuola drammatica italiana* (1826). Antes dos ensaios ingleses, merecem destaque *La chioma di Berenice* (1803), *Della poesia, del tempo e della religione di Lucrezio* (1803), *Dell’origine e dell’ufficio della letteratura* (1809), *Lezioni sulla letteratura e la lingua* (1809), entre outros, escritos quando o autor vivia na Itália.

Entretanto, embora tenha publicado um notável número de ensaios, a atividade de Foscolo ensaísta permaneceu pouco estudada, talvez ofuscada pelo interesse da crítica na obra de Foscolo poeta e patriota. Como se deu e qual a importância do trabalho de Foscolo crítico foram aspectos que não obtiveram a mesma atenção e o mesmo julgamento dos estudiosos. No início do século XX, Donadoni afirma que Foscolo crítico “non è tutto il Foscolo; anzi è la parte meno bella

e meno viva di lui” (DONADONI, 1910, p. 234). Já para Fubini, Foscolo teria sido um crítico importante, pois

non v'è nulla ch'esso più odii della letteratura frivola e vuota che solletica gli ozii e la viltà della nazione: la sua critica arguta, robusta, profonda, tende sempre ad elevare le idee, ad allargare ogni questione alla sfera della vita morale e civile della società. (FUBINI, 1961, p. 591)

A opinião de Fubini, apesar de não muito aprofundada, parece ter chamado a atenção da crítica posterior, de modo que estudos atuais buscaram valorizar também essa faceta de Foscolo. Segundo Nicoletti, autor de uma recente biografia do autor, ainda há muito a estudar, pois a obra histórico-crítica de Foscolo “appare tanto ingente e decisiva, per lo sviluppo delle principali correnti critiche dell'Ottocento, quanto poco considerata e di fatto scarsamente conosciuta dalla generalità degli studiosi” (NICOLETTI, 2006, p. 277). Mas se o método crítico de Foscolo foi decisivo para o desenvolvimento da crítica italiana do século XIX, qual seria a concepção de crítica anterior a esse período?

Na tentativa de estabelecer um sentido para a expressão *crítica literária*, Weliek enfatiza a dificuldade de se compreender o termo e, embora reconheça a impossibilidade de traçar o histórico exato dessa palavra, o crítico remete-se ao substantivo *krité*, que, no grego antigo, significava “juiz”, cuja forma verbal *krinein* define-se como “julgar” (WELLEK, 1963, p. 41).

Se a crítica é julgamento, entendo que abrange também o sentido de dividir, pois a etimologia pressupõe a separação entre o genuíno e o não genuíno, o belo e o não belo, o justo e o não justo. Na Antiguidade Clássica e até o século XVIII, essa apreciação teria sido “dogmática, absoluta e objetiva” (AUERBACH, 1972, p. 27). A partir do século XVIII, passou a considerar também a relatividade e a subjetividade de cada período histórico. É o caso de Croce, que propõe uma leitura historicista da crítica ao afirmar que “ogni critica d'arte è storia dell'arte; e, all'inverso, ogni storia dell'arte è critica d'arte. Giudicare un'opera significa intenderne la natura e collocarla perciò nella sua serie storica” (CROCE, 1954, p. 54).

Entre os séculos XVIII e XIX a principal renovação na área da crítica italiana e europeia dá-se na busca de individuar a própria

especificidade em relação à literatura clássica. Segundo Puppo, no século XVIII, a crítica se desenvolve como atividade autônoma e “si istaura un nuovo rapporto fra il critico e la vita, nel duplice aspetto di rapporto fra la personalità del critico e la società e di rapporto fra l’opera dello scrittore e la vita nella valutazione del critico” (1975, p. 161). Dessa forma, o início da crítica, com o significado moderno da palavra, pode ser creditado a esse século.

No caso da Itália, destacam-se Muratori (*Della perfetta poesia italiana*, de 1706) e Gravina (*Della ragion poetica*, de 1708), que têm como objeto a análise da poesia; Baretto (*Discorso su Shakespeare e il Signor Voltaire*, de 1777) e Cesarotti (*Saggio sulla filosofia del gusto*, de 1785).<sup>1</sup> Para Ceserani e De Federicis (1995, p. 1100), a diversidade de títulos e de estilo são testemunhas das mudanças verificadas ao longo do século: as análises minuciosas em forma de tratado sobre os gêneros foram substituídos por ensaios críticos breves, muitos dos quais, em forma de artigo de jornal ou carta, caracterizados pela reflexão do crítico, e não pela preocupação em seguir os preceitos antigos, como aqueles estabelecidos na *Poética* de Aristóteles.

No âmbito da nova concepção do juízo crítico, a figura e o papel do crítico se modificam, e uma das mudanças mais notáveis é em relação aos leitores: os textos não se voltam apenas aos literatos, mas passam a ser destinados a um público mais vasto. Segundo Algarotti, o crítico deve se comunicar com o público “piuttosto mediante lettere e saggi che non mediante l’aparato metodico di un libro, e usare uno stile naturale, che refletta fedelmente i suoi pensieri e i suoi sentimenti” (apud PUPPO, 1975, p. 165).

Se a palavra do crítico atinge um número maior de leitores, ele se torna também maior influenciador de opiniões e costumes. Assim, para Muratori, o escritor que honra a sua tarefa deve sustentar a verdade, pois a função do literato é a de “fare migliori e più felici altrui”, e que é “senza paragone meglio il nome d’ uomo virtuoso, che quello d’ uomo dotto” (apud PUPPO, 1975, p. 165).

Foscolo parece ter retomado várias ideias dos críticos que o antecederam, pois entende que a tarefa do crítico é “correggere le passioni dannose del cuore, e di distruggere le false opinioni” (FOSCOLO, 1972, p. 21). Assim, torna-se um dos representantes do novo crítico literário que surge nas primeiras décadas do século XIX: o crítico

militante, ou seja, aquele que além de elaborar teorias e julgamentos sobre as obras, também participa da vida militar e política ganha espaço (CESERANI; DE FEDERICIS, 1995b, p. 38).

No restante da Europa, alguns dos maiores críticos dos séculos XVIII e XIX são também escritores, como Schlegel, Schelling e Novalis, que apresentam ideias em comum e propõem mudanças na forma de análise crítica das obras literárias. Para Welck, a teoria que se desenvolveu a partir destes críticos “guardou distância do emocional, do naturalismo e do misticismo e combinou com êxito o simbolismo com uma profunda compreensão da história literária” (WELCK, 1967b, p. 3).

Dentre os parâmetros estabelecidos pelos críticos estão a importância do contexto histórico e a preocupação com a recepção da obra. Além disso, confere-se o critério de individualidade da criação, como afirma Schlegel: “criticism is not to judge works by a general ideal, but is to search out the individual ideal of every work” (Apud SPEIGHT, 2007).

Pode-se dizer então que a crítica situada entre os séculos XVIII e XIX opera uma renovação substancial nos métodos da crítica literária, e dentre as principais mudanças está a associação do fato artístico àquele histórico. Os românticos também partilham a ideia de que a obra literária possui uma ordem individual, de modo que a crítica é feita no sentido de perceber a criatividade e a subjetividade do autor.

Ceserani e De Federicis (1995, p. 1100-1101) destacam que o pensamento crítico italiano, após os anos 70 do século XVIII, entrou em contato inicialmente com a Inglaterra, desse contato teria surgido a nova maneira de abordar a crítica literária. No caso de Foscolo, essa informação é particularmente relevante porque foi justamente na Inglaterra que o autor viveu os últimos anos de vida e trabalhou como crítico literário em jornais e revistas; isso pressupõe que o autor deve ter sido influenciado pela crítica inglesa que entendia a atividade crítica como intervenção social.

Com efeito, a vida literária de Foscolo estava continuamente integrada aos problemas políticos da Itália, característica essa que estará presente também na metodologia que o autor desenvolveu para a crítica. Afirma ele que “certamente l’amore delle lettere e l’amore della patria [...] l’uno non può mai andare disgiunto dall’altro” (FOSCOLO, 1972, p.

97). Ou seja, se o amor pela literatura não pode estar separado do amor pela pátria, pressupõe-se que para o autor a função da crítica estaria relacionada diretamente ao empenho político do escritor. Dessa forma, que qualidades o crítico deveria apresentar para bem desempenhar a sua função?

No elenco de obras citadas por Foscolo, no plano de estudos, escrito provavelmente em 1796, no qual se visualizam os autores e as obras consideradas importantes, há uma frase curta, mas significativa, porque revela o critério que o autor julga necessário para exercer a atividade crítica. Segundo ele, não basta a leitura dos autores citados, é preciso também “gusto innato di anima, senza cui tutti i libri di critica sono nulli” (FOSCOLO, 1972, p. 6).

Essa afirmação sintetiza o pensamento de Foscolo sobre os atributos que um crítico deveria ter. Embora tenha elaborado tal princípio muito jovem, provavelmente aos 18 anos de idade, Foscolo demonstra ter adotado essa postura ao longo de toda a vida. De fato, nos ensaios críticos encontram-se reflexões, comentários, citações e ideias evidenciando que, desde as primeiras experiências literárias, ele se preocupou mais com o *gusto innato* do que com as regras e realizou duras críticas contra a forma de análise ensinada nas escolas e academias,<sup>2</sup> como no ensaio *Principi di critica poetica*, de 1823:

I critici, quantunque dotati della facoltà di giudicare le creazioni del genio, sono per lo più poverissimi d’immaginazione, e destituiti della facoltà di creare. Quindi originò naturalmente la loro secreta invidia verso gli uomini destinati dall’ autorità della natura ad essere creatori e poeti; invidia che [...] indusse i critici ad attribuirsi il diritto che nessuno loro disputò di stabilire leggi, e di citare gli scrittori al loro tribunale. (FOSCOLO, [1823]1953, p. 10-11)

A crítica de Foscolo se direciona principalmente àqueles que, por inveja dos poetas e criadores, e por desejo de impor a própria autoridade, tornaram-se legisladores e juizes dos poetas e escritores. O autor critica abertamente o uso que os críticos faziam da *Poética* de Aristóteles, a qual teria servido apenas para estabelecer normas e códigos, o que limitaria uma análise mais genuína da obra literária. Foscolo constata que a popularidade da teoria de Aristóteles se deve não à veracidade ou conteúdo da *Poética*, mas às circunstâncias que contribuíram para

difundi-la e consolidá-la em toda a Europa. Uma das razões apontadas por Foscolo é o fato de o texto provavelmente nunca ter sido colocado em dúvida, santificado pela tradição dos séculos e usado pelos críticos como fonte de referência. (Idem, *ibidem*)

Tais interpretações provocaram não poucas divergências entre Foscolo e críticos do seu tempo. Por conta disso, não raras vezes Foscolo assume uma postura crítica rude e pessoal, como é o caso do ensaio *Della nuova scuola drammatica italiana*, no qual polemiza o teatro e as teorias de Manzoni. Naturalmente, os críticos escrevem inseridos em um ambiente social, político e histórico-literário; frequentemente não sem disputas e rivalidades em defesa de seus propósitos. Por isso, entendo a postura de Foscolo não apenas como uma crítica direta à forma como se fazia crítica na Itália, mas em particular como uma espécie de defesa aos que o criticavam. Assim, na crítica direcionada aos seus oponentes, Foscolo defende, acima de tudo, a sua própria atividade de poeta, que no seu entender lhe dava também o poder de exercer a função de crítico.

Segundo Foscolo, uma das principais virtudes do escritor é a eloquência. A palavra pode adquirir novos significados em cada época e contexto e, por isso, uma das principais funções da crítica consiste em extrair da palavra todas as imagens e ideias concomitantes que estão nesta, ou em germe ou em potência. Nesse sentido, para Foscolo, a eloquência seria uma particularidade não apenas da oratória, mas de toda espécie de escritura. Concluo, então, que a eloquência deveria fazer parte também da crítica, e como tal uma qualidade a ser avaliada. É importante lembrar que o próprio Foscolo foi um exímio orador, quando foi professor da Universidade de Pavia, em 1809, e de cujas aulas resultaram textos críticos que figuram entre os principais exemplos da sua atividade de crítico e teórico da literatura, como *Dell'origine e dell'uffizio della letteratura*, escrito para ser lido, ou melhor, pronunciado.

Por outro lado, o próprio Foscolo afirma que a eloquência teria originado a crítica pretensiosa dos pedantes que exerciam a função da crítica literária em busca de glória e lucro, pois essas pessoas acreditavam ser possível ensinar a arte da oratória por meio de regras e métodos pré-estabelecidos. Para Foscolo, a eloquência nasce com a capacidade individual de cada um e deve encontrar a sua razão de existir na utilidade pública. Além disso, a eloquência não está separada

da paixão e, por isso, não existem métodos para a arte do dizer, uma vez que “il pensiero e il modo di rappresentarlo risultano dalla tempra e dall'accordo del cuore, dell'immaginazione e del raziocinio”. Ou seja, “l'eloquenza non è frutto di verun'arte” (FOSCOLO, 1972, p. 23), e como tal não pode ser ensinada nas escolas e academias.

Outra qualidade primordial aos críticos é a independência. No ensaio *Dell'origine e dell'uffizio della letteratura*, Foscolo critica duramente os que considera bajuladores dos detentores do poder, como é o caso de Quintiliano, que denomina adulator de Domiciniano:

E mori (*Homero*); e un retore ordì la calunnia, e un ricco fazioso pagò lo spergiuro de' testimoni e de' giudici, e un poeta d'inette tragedie perorò contro Socrate, e trecento Ateniesi lo condannarono, e la sapienza fuggì dal governo, e l'eloquenza ammutì, e Atene fu serva de' retori, che fecero esiliare tutti i filosofi; e l'Italia pure li vide espulsi quando Domiziano insigniva un retore del consolato, il retore Quintiliano, che nelle *Istituzioni* ov'ei prèdica la lealtà indispensabile agli oratori, parlando di Domiziano, di quell'ingrato insidiatore di Tito, di quell'invido tiranno d'ogni virtù, di quel carnefice industrioso, lo chiama *censore santissimo de' costumi, e in tutto e nelle lettere eminentissimo*. (FOSCOLO, 1972, p. 30)

Para Foscolo, atitudes como a de Quintiliano provocaram o declínio das letras e impediram a sua independência do governo, subjugando-as ao poder. Naturalmente, pode-se supor que a crítica de Foscolo não se estende apenas ao retórico latino, mas, sobretudo, aos críticos, instituições e costumes do presente que se curvaram diante de Napoleão mesmo depois do Tratado de Campoformio. Um exemplo dessa postura de Foscolo pode ser encontrada numa passagem do romance incompleto *Raggualio d'un'adunanza dell'Accademia de' Pitagorici*, no qual Foscolo apresenta uma espécie de nota-vocabulário para auxiliar a leitura:

*Ipercalisse*: è satira contro gli uomini dotti d'Italia, i quali del sapere e della verità facendo mercato, le lettere italiane corruperro: l'ambizione e gli errori di Napoleone nutrirono. In essa si adombrano i costumi e le tristi passioni di sì fatti dotti e la vera natura di taluno; perché s'intenda che le calamità delle

cose successe in Europa e della servitù d'Italia nacquero dalle menzogne degli uomini letterati divulgate per la temporanea utilità de' Governanti. (FOSCOLO, 1966)

Ao criticar os *uomini dotti d'Italia*, que em nome do lucro direcionavam a própria função de literatos para atender aos interesses do governo napoleônico, Foscolo exalta a importância da liberdade e independência do escritor, as quais têm relação direta com as criações do gênio e se constituem, portanto, em qualidades que os críticos deveriam adotar no exercício de suas atividades.

A crítica de Foscolo é estendida especialmente ao sistema literário italiano, ao qual ele delega “un vizio antichissimo ch'ebbe origine e crebbe e contaminò e appestò e poco meno che uccise, se minore fosse stato il vigore del Genio italiano, tutta la nostra letteratura” (FOSCOLO, 1972, p. 132). Esse vício teria causado o declínio da literatura italiana, após o século de Dante e Tasso, e teria sido originado do ensino claustrofóbico promovido pelos colégios e instituições jesuíticas. Segundo Foscolo,

Perocchè la letteratura e la fama sin dalle fondazioni de' Gesuiti e de' preti regolari risiederono tutte ne' chiostrì, donde, lasciandosi ignorantissimo il popolo, si coltivarono soltanto gl'ingegni, torpidi o svegliati che fossero delle famiglie nobili e ricche di onori e di facoltà [...]. Nè i discepoli poteano sorgere migliori di que' maestri, poichè tutte le discipline scientifiche e principalmente le letterarie si aggiravano in un circolo circoscritto dal compasso della politica e della religione dominante: bensì, quali pure si fossero questi discepoli, uscivano da' collegi atti a gustare il Petrarca ed il Boccaccio, a conoscere e ad applicare i precetti di Orazio e le regole grammaticali del Bembo; e frutto sommo di questa istruzione erano poi i canzonieri e i poemetti e le tragediucce che empierono tutta Italia, scritte da signorotti e dedicate a signorotti: quindi gli elogi accademici; quindi l'esaltazioni che i maestri guerci facevano agli alunni ciechi, e gli alunni a' maestri; quindi la compiacenza di questi miseri applausi, che non potea più fomentare gl'ingegni ad aspirare con più veglie e sudori [ad] una gloria più estesa. La nazione, tenuta nell'ignoranza, non poteva giudicare; e i maestri e gli alunni, adulandosi scambievolmente, erano ad un tempo tribunali e parte nella distribuzione de' premi. (Foscolo, 1972)

O uso excessivo da retórica, nas escolas e academias, promovido pelos críticos pedantes, seria também o motivo pelo qual os alunos se sentiam desinteressados e distantes das obras e dos autores:

Ma poichè oggi gli scienziati non degnano di promuovere i loro studi con eloquenza, poichè non si valgono delle attrattive della loro lingua per farli proprietà cara e comune agl'ingegni concittadini, non sono essi soli colpevoli se pochi si curano, se pochissimi possono vendicare la loro fama, e se tutti corrono a dissetarsi ne' fonti, i quali, se non sono più salutari, sembrano almeno più limpidi? (Idem, *ibidem*)

É preciso considerar que, ao escrever a maioria dos ensaios críticos, durante o exílio, afastado da Itália pela distância temporal e geográfica, Foscolo relata a sua visão sobre os autores italianos, contemporâneos ou não, e observa a literatura do seu país, estando fora dele. Ao selecionar os autores e ao criticá-los, estabelecendo origens, autores e obras da literatura italiana, Foscolo estabelece um cânone e faz da Itália uma nação, por meio da sua literatura. Dessa forma, pode-se pensar que o exílio o fez reencontrar a pátria através da sua literatura.

A partir da seleção e da análise dos autores italianos, Foscolo retoma a crítica aos intelectuais *poverissimi d'immaginazione* e habilitados apenas a *stabilire leggi* que, por sua postura pedante, seriam os responsáveis pela decadência cultural da Itália e pelo declínio das letras. Seria então a crítica totalmente condenada por Foscolo?

A resposta pode ser encontrada na introdução do *Discorso sul testo della Commedia*. Apesar de ter se mostrado contrário ao modo como a crítica literária era realizada na Itália e ao comportamento dos críticos que almejavam apenas a glória e a riqueza, no primeiro item da sua análise sobre o poema de Dante, Foscolo afirma que a crítica é necessária para entender um escritor, em especial, um poeta, distante da nossa idade. O título da sua reflexão – *Vantaggi e danni delle industrie de' critici intorno agli autori antichi* – parece-me bastante sugestivo, e ele inicia afirmando que a questão de a crítica literária ser ou não útil é difícil de ser resolvida. Porém,

Quando un'arte, comeché sterile, viene tuttavia propagandosi resistendo alle opinioni de' più ed al ridicolo, chi pur vuole abolirla pare meno savio di chi si provasse di migliorarla. Se anche

importasse che interpreti non vi fossero, chi potrà fare che non siano mai stati; e non vivano irrequieti; e non si succedano per forza di lungo costume, e necessità nuova di tempi? (FOSCOLO, 1979, p. 175)

Foscolo considera o seu tempo como uma época científica, e, por utilizar-se da ciência e da razão, não seria capaz de entender o mundo antigo, no qual, como ele acredita, as formas poéticas e o gênio do escritor estavam plenamente desenvolvidos. Abolir a crítica, portanto, é uma atitude desaconselhada, pois o ideal seria melhorar o modo como era realizada. Apesar de as afirmações de Foscolo parecerem um pouco óbvias, são importantes porque é possível perceber que o autor não condena a crítica, porque ela tem a função de integrar o mundo antigo ao mundo contemporâneo. Isso porque, se os antigos, dirigidos pelo sentimento e pela paixão, sentiam e compreendiam imediatamente o sentido da poesia, as idades sucessivas necessitaram de artifícios para entender o período anterior. Compreender o poeta, ou seja, analisá-lo e julgá-lo, significa para Foscolo avaliar o gênio e, ao mesmo tempo, abranger as relações entre este e a sociedade que permitiu o seu aparecimento.

Assim, ao apurar as vantagens e desvantagens da crítica literária, Foscolo conclui que “danni e vantaggi si contrappesano. Tutto sta nello scopo al quale, negli scrittori primitivi segnatamente, vuol essere, e non fu sempre diretta” (Idem, *ibidem*).

Por essa razão, ressalto que Foscolo considera a crítica necessária. A sua postura não é totalmente contrária à atividade crítica como apreciação que permite ao leitor a melhor compreensão da obra, mas critica a forma como é feita, notadamente pelos italianos, que ao estabeleceram teorias e princípios para a avaliação das obras, impediram a compreensão do gênio.

Em contraposição às ideias vigentes nas academias, Foscolo atribui grande importância à experiência e à história como parâmetro para desenvolver a crítica. Nas primeiras páginas da *Chioma di Berenice*, estabelece os parâmetros de avaliação da obra literária. Explica ele:

il commento deve essere critico per mostrare la ragione poetica: filologico per dilucidare il genio della lingua e le origini delle voci solenni; storico per illuminare i tempi ne' quali scrisse l'autore ed i fatti da lui cantati; filosofico acciocchè dalle origini delle voci

solenni e da' monumenti della storia tragga quelle verità universali e perpetue rivolte all'utilità dell'animo alla quale mira la poesia. (FOSCOLO, 1972b, p. 280)

Dessa forma, o crítico não deve se ater a princípios pré-estabelecidos, mas analisar a obra a partir de um conjunto de fatores que incluem, além da análise poética, a questão da língua, do momento histórico e das tendências filosóficas que influenciaram o escritor no momento em que a obra foi escrita.

A principal contribuição de Foscolo para o método crítico está, parece-me, no fato de não abstrai-lo de livros e teorias pré-estabelecidas, mas considerá-lo com base na experiência e na observação. Ou seja, parece-me que Foscolo estabelece o seu método crítico baseado em dois princípios: o primeiro é considerar os princípios a partir da experiência, ou seja, da leitura da obra, e o segundo é que tais princípios devem necessariamente ser avaliados em seu conjunto.

Considero então que o principal mérito de Foscolo, em relação à crítica literária, pode ser encontrado no modo como ele trata com maestria a crítica estética, pois o seu método de pesquisa resulta em um estilo bastante singular. O autor não se volta apenas para a análise geral da obra pelo viés da estética, com fim em si mesma, mas procura demonstrar o poeta como um todo – a sua vida, o seu empenho, a sua obra, o uso da palavra, a utilidade para a sociedade. Assim, a crítica estética e a crítica histórica precedem da mesma origem, de forma que uma não pode ser concebida sem a outra.

Nos ensaios escritos por ocasião da sua atividade como professor, em Pavia, Foscolo explica aos seus alunos que, ao se estudar uma obra literária, é necessário analisar os seguintes elementos:

1°. la vita d'ogni autore e il suo carattere, desumendolo più da' suoi scritti che dalle tradizioni; e così apparirà il primo capo de' principj su le doti naturali dei grandi poeti; 2°. lo stato delle scienze, delle lettere e delle arti de' suoi tempi; e così apparirà il secondo capo su lo studio necessario a' letterati; 3°. i costumi, la religione e gli istituti politici delle loro patrie; e così apparirà quanto que' poeti abbiano giovato a' loro concittadini; 4°. la loro filosofia; e così apparirà come abbiano conferito alla verità; 5°. la loro lingua; e così apparirà con quali tinte essi hanno potuto colorire i loro pensieri;

6°. il loro stile; ed apparirà quanto hanno dovuto sempre seguire le loro facoltà intellettuali, perfezionandole con lo studio, ma non potendole cangiar mai. (FOSCOLO, 1972, p. 73)

Através da metodologia criada por Foscolo, é possível deduzir que para o autor o exercício da crítica é também uma espécie de história da literatura; não apenas biográfica, mas principalmente uma história filosófica. Pode-se afirmar então que Foscolo estabeleceu princípios novos para a crítica italiana, que influenciariam os estudos posteriores. De acordo com René Wellek, o método crítico de Foscolo, ao considerar também a história da sociedade e do autor, influenciou a elaboração das duas histórias literárias mais influentes do século: a *Storia delle Belle Lettere in Italia* (1845), de Paolo Emiliani Giudici, e as *Lezioni di letteratura italiana* (1812-72), de Luigi Settembrini, além de influenciar também o pensamento de De Sanctis (WELLEK, 1967, p. 91).

As concepções de Foscolo, segundo as quais a crítica deveria direcionar-se para o conhecimento não apenas da obra, como também da vida do escritor que se pretende estudar, e que o crítico deve se educar principalmente por meio da reflexão e dos grandes exemplos, complementam outro importante ponto de vista do autor: o de que a crítica só pode ser feita por aqueles cujo gênio está voltado às letras. Como visto anteriormente, Foscolo critica os críticos destituídos da capacidade de criar, o que teria originado a inveja dos poetas criadores e a conseqüente atribuição de criar regras e julgar a criação do gênio. Em outras palavras, parece-me que para Foscolo só um poeta poderia falar de poeta, ou seja, não se pode exercer a função de crítico sem possuir a sensibilidade e a criatividade do poeta. Assim, não os críticos pedantes, fechados nas academias, podem se opor às falsas interpretações, mas sim o *habitus* crítico dos poetas criadores, cuja mente engenhosa que não se curva às divagações demasiado metafísicas.

Parece-me, portanto, que a principal contribuição de Foscolo, em relação à crítica, insere-se na metodologia, pois o autor desenvolveu uma maneira própria de análise literária. Ao contrário dos críticos que o precederam, que se preocuparam em avaliar as obras literárias com base em parâmetros pré-estabelecidos, Foscolo formulou alguns princípios que deveriam ser observados por um crítico literário, como o contexto histórico em que o autor viveu, incluindo o estudo dos

costumes, da arte, da língua, da religião, da política e da filosofia, a vida do autor e a sua importância para o seu tempo e para os pósteros, o que demonstra que suas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento da crítica literária italiana e europeia.

Dessa forma, concordo com críticos como Wellek e Nicoletti quando afirmam que Foscolo funda um método crítico novo na Itália. O autor parece ter consciência dessa novidade ao afirmar, no *Principj di critica poetica*, que sente a necessidade de demonstrar as “nuove norme” que considera importantes para os “giudizi su i poeti” (FOSCOLO, 1953, p. 9).

Apesar de acreditar na originalidade da sua metodologia, a postura de Foscolo é de aversão às normas e aos estudos demasiado abstratos para avaliar as obras literárias. Talvez por isso o autor não tenha sistematizado o seu pensamento, e relacionado constantemente a crítica com a teoria e a história literária. Entretanto, essa característica não constitui um problema visto que, segundo Wellek, a crítica, a teoria e a história literária “acham-se tão implícitas umas nas outras que tornam inconcebível a teoria literária sem crítica ou história, ou a crítica sem a teoria ou história, ou a história sem teoria e crítica” (WELLEK, 1963, p. 13). Foi justamente desse modo que procurei avaliar os ensaios de Foscolo, os quais constituem um fértil campo de pesquisa a ser desdobrado. Apesar de figurar entre os principais autores da literatura italiana, no Brasil ele é pouco conhecido e suas obras carecem de tradução para o português; certamente novos olhares ofereceriam possibilidades de compreensão de outros aspectos da crítica, história e teoria literária e ainda para a história social e cultural do mundo europeu.

THE LITERARY CRITICISM IN NAPOLEONIC ITALY: ASSESSMENTS AND CONTRIBUTIONS OF UGO FOSCOLO

ABSTRACT

This paper analyses the ideas of the Italian author Ugo Foscolo (1778-1827) about the literary criticism contained in his essays about literature, and demonstrates how the methodology proposed by the author contributed to the renewal of the literary criticism in Italy between the eighteenth and nineteenth centuries.

KEY WORDS: Ugo Foscolo, literary criticism, essayism.

---

## NOTAS

- 1 Um panorama da crítica literária italiana pode ser conferida em BARONI, Giorgio. *Storia della critica letteraria in Italia*. Torino: UTET Libreria, 1997. WELLEK, René. *História da crítica moderna*. Século XVIII, p. 120-131, v. I e v. III, O Romantismo, p. 229-246. São Paulo: Herder/Edusp, 1967.
- 2 O termo *gusto* tem o seu significado atrelado à estética do século XVIII e designava a condição natural e instintiva do indivíduo necessária para desempenhar um juízo de valor independente de princípios pré-estabelecidos.

## REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BARONI, Giorgio. *Storia della critica letteraria in Italia*. Torino: UTET Libreria, 1997.

CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia. *Il materiale e l'immaginario*. v. III-2. Torino: Loescher, 1995.

CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia. *Il materiale e l'immaginario*. v. IV-1. Torino: Loescher, 1995b.

CROCE, Benedetto. *Problemi di estetica e contributi alla storia dell'estetica italiana*. Bari: Laterza, 1954.

DONADONI, Eugenio. *Ugo Foscolo*. Milano, Palermo, Napoli: Sandron Editore, 1910.

FOSCOLO, Ugo. *Saggi e discorsi critici (1821-1826)* (a cura di Cesare Foligno). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo X. Firenze: Le Monnier, 1953.

FOSCOLO, Ugo. *Ipercalisse – Libro singolare di Didimo Chierico*. (a cura di Mario Puppo). Milano: Mursia, 1966. Disponível em: [http://www.classicitaliani.it/foscolo/prosa/foscolo\\_ipercalisse.htm](http://www.classicitaliani.it/foscolo/prosa/foscolo_ipercalisse.htm). Acesso em: 27 out. 2008.

FOSCOLO, Ugo. *Scritti letterari e politici dal 1796 al 1808* (a cura di Giovanni Gambarin). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo VI. Firenze: Le Monnier, 1972.

FOSCOLO, Ugo. *Lezioni. Articoli di critica e di polemica (1809-1811)* (a cura di Emilio Santini). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo VII. Firenze: Le Monnier, 1972b.

- FOSCOLO, Ugo. *Studi su Dante*, parte I (a cura di Giovanni Dal Pozzo). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo IX. Firenze: Le Monnier, 1979.
- FUBINI, Mario. *Critici dell'età romantica*. Torino: Unione Tipografica Torinese, 1961.
- NICOLETTI, Giuseppe. *Foscolo*. Roma: Salerno Editrice, 2006.
- PUPPO, Mario. *Critica e linguistica nel Settecento*. Verona: Fiorini, 1975.
- SPEIGHT, Allen. Friedrich Schlegel. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. First published Mar 19, 2007. Disponível em: <http://www.science.uva.nl/~seop/entries/schlegel/>. Acesso em: 3 out. 2008.
- WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.
- WELLEK, René. *História da crítica moderna*. Tradução de Lívio Xavier. v. I: Século XVIII. São Paulo: Herder/Edusp, 1967.
- WELLEK, René. *História da crítica moderna*. Tradução de Lívio Xavier. v. II: O romantismo. São Paulo: Herder/Edusp, 1967b.